

Resumo

A presente pesquisa parte da hipótese que os atuais modelos de negócios de *e-Books* não atendem satisfatoriamente aos critérios para gestão da livre circulação de livros nas bibliotecas universitárias brasileiras, respeitando os interesses e necessidades dos usuários. Diante desta questão definiu-se como objetivo investigar o livro digital e seus modelos de negócios no contexto da Universidade Federal da Bahia (UFBA), abordando aspectos sobre o mercado editorial, às políticas públicas que atendem à gestão desse artefato e, por fim, propor um modelo que viabilize uma prática eficaz de gestão, integrando à diversidade de coleções digitais existentes no contexto da UFBA. A abordagem metodológica é qualitativa e quantitativa, utilizando-se como métodos de coleta de dados o questionário via *web* e a entrevista estruturada com os agentes da cadeia de valor do livro digital. Os resultados parciais demonstraram uma variável da nossa argumentação: o crescimento da inserção do livro digital nas bibliotecas universitárias. Entretanto, o modelo de negócio de acesso às coleções, aponta uma nova relação entre editora, autor e biblioteca com coleções que são fluidas e mutáveis.

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleções. Livro digital. Livro eletrônico. *ebook*. Bibliotecas universitárias. Gestão de coleções digitais.

Abstract

The present research is based on the hypothesis that current e-book business models do not satisfactorily meet the criteria for managing the free circulation of books in Brazilian university libraries, while respecting the interests and needs of users. Faced with this issue, the objective was to investigate the digital book and its business models in the context of the Federal University of Bahia, addressing aspects about the publishing market, public policies that attend to the management of this artifact, and, finally, its management in the university libraries. The methodological approach is qualitative and quantitative, using the web-based questionnaire and the structured interview with the agents of the digital book value chain as methods of data collection. The partial results demonstrated a variable of our argument: the growth of the insertion of the digital book in university libraries. However, the business model of access to collections points to a new relationship between publisher, author and library with collections that are fluid and changeable.

Keywords: Development of collections. Digital book. EBook. ebook. University libraries. Selection policies.

¹ Projeto de Tese apresentado ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia como requisito para o exame de Qualificação, 2018.

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Professora do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

** Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

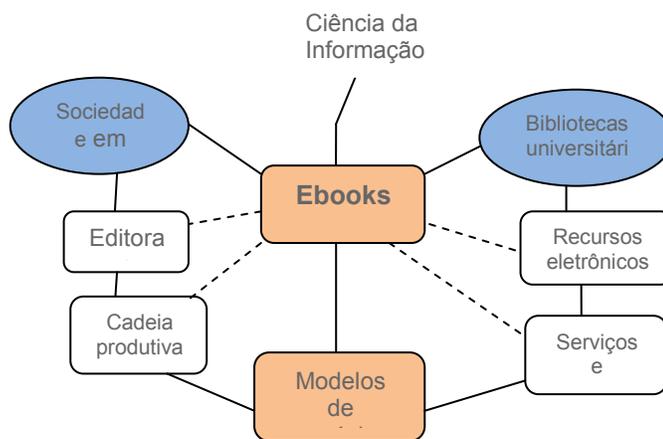
Segundo Magalhães e Ceravolo (2013) a maior concentração de coleções de livros digitais está entre as universidades públicas federais da região Sul-Sudeste. Os dados da pesquisa, assim como os relatórios das entidades representativas do mercado editorial, a exemplo da Câmara Brasileira do Livro (CBL) identificaram uma tendência irreversível no aumento da produção de livros digitais, o que não significa uma sobreposição deste em relação ao livro impresso, mas sim, uma ampliação do seu espaço no mercado, favorecendo novas modalidades de produtos e serviços.

Percebe-se que há interesses convergentes e divergentes entre as editoras comerciais e as bibliotecas universitárias, cujo centro identifica-se justamente, nos modelos de negócios que os editores científicos têm operado no mercado editorial.

Segundo Serra (2017), o mercado dos livros digitais ainda não está estabelecido, tem complexidades e restrições que precisam ser observadas e relatadas, a partir do amadurecimento dos agentes envolvidos nesse cenário: autores, fornecedores, bibliotecas e leitores. As principais modalidades de aquisição podem ser compra perpétua ou assinatura da coleção (MAGALHÃES; CERAVOLO, 2013; SERRA, 2014). Em ambas as modalidades, os editores/agregadores também têm a responsabilidade de garantir o acesso ao conteúdo e a manutenção tecnológica da plataforma e dos arquivos dos livros digitais.

Ao situar essa transformação no campo científico da Ciência da Informação (CI), identificou-se na bibliografia sobre regime de informação um modelo teórico que contribuiu para tecer a rede conceitual desta pesquisa, uma vez que sua modelização prevê os atores sociais, as redes, artefatos e dispositivos de informação, tal como representado na figura 01 a seguir:

Figura 01 – Rede conceitual



Fonte: autoria própria

A referida representação conceitual coloca o *e-Book* como o centro da discussão e apresenta variáveis presentes nesta investigação como a Sociedade em rede, no âmbito da qual foi transformado o modo de produção e difusão de informação, que acaba por gerar uma imprecisão terminológica sobre o conceito de livro eletrônico e livro digital. Os editores

científicos que fazem parte da cadeia produtiva e de valor do livro parecem criar um regime próprio de informação com os seus diversos modelos de negócios ofertados no mercado editorial do livro digital. Contudo, a profusão de recursos digitais e a oportunidade de novos produtos demandados pela cultura digital, acabaram por impulsionar as Bibliotecas universitárias a reinventarem-se, modelando uma gestão de coleções digitais que integre recursos interoperáveis e não-interoperáveis, de forma a garantir o acesso e uso da informação da maneira mais equânime possível.

Diante deste panorama de inquietações, esta investigação parte da **hipótese** de que os atuais modelos de negócios de e-Books não atendem satisfatoriamente aos critérios para gestão da livre circulação de livros nas bibliotecas universitárias brasileiras, respeitando os interesses e necessidades dos usuários. Neste caso, o **problema** está centrado na seguinte questão de pesquisa: os modelos de negócios de e-Books, no Brasil, são pertinentes ao imperativo de livre circulação de livros nas bibliotecas universitárias?

Como **objetivo geral**, propõe-se modelar uma proposta de gestão dos livros digitais para a Universidade Federal da Bahia que efetivamente contribua no fortalecimento da sua atuação em rede e como um dos agentes primordiais na cadeia de valor dos livros digitais.

Para tanto elencamos, a seguir, os **objetivos específicos**: OB1 - Identificar os modelos de negócios de e-books vigentes no mercado; OB2 - Verificar se os indicadores de uso de e-Books gerados pelas plataformas dos editores/agregadores de conteúdo efetivamente representam a performance da coleção de e-books; OB3 – Mapear, no âmbito das políticas públicas, possíveis lacunas relacionadas ao livro digital; OB4 - Elaborar um conceito para o LDE considerando as potencialidades dos recursos digitais abertos, interoperáveis e integrados ao ambiente físico.

Esta investigação propõe um diálogo entre a Ciência da Informação, a atividade editorial e as bibliotecas universitárias, ao produzir um estudo teórico-conceitual com uma análise empírica entre os principais agentes envolvidos na cadeia produtiva do livro digital: Editores, leitores e bibliotecas, de modo a contribuir para diversos contextos de investigação, que abordem temas como: hábitos de leitura, mediação, produção e circulação da informação, arquitetura da informação, leitura ubíqua, entre outros temas.

2 A SOCIEDADE EM REDE E O EBOOK

Castells (2017) no seu livro *A sociedade em rede*, ao tratar sobre o paradigma da tecnologia da informação² identifica algumas características que representam, na sua visão, a base material da sociedade da informação. A primeira característica é que: “a informação é sua matéria-prima: *são tecnologias para agir sobre a informação*, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foram o caso das revoluções tecnológicas anteriores” (CASTELLS, 2017, p 123). No passado a informação subsidiava as revoluções tecnológicas, mas, atualmente, pode-se dizer que, além disso, as tecnologias de informação possuem um alto poder de processamento e manipulação de conteúdos informacionais, alimentados constantemente pelo

² O autor apresenta o conceito de *paradigma tecnológico* elaborado por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dossi, que foi adaptado da análise clássica das revoluções científicas por Kuhn.

grande volume de dados digitais lançados nas redes, oriundos das diversas plataformas digitais, chamado de *big data*³.

A segunda característica refere-se à *penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias*. Castells (2017) parte do princípio de que: “a informação é parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico” (CASTELLS, 2017, p.124). Esse poder de penetrabilidade gera uma cultura digital que agrega ao cotidiano das pessoas e organizações, de maneira invasiva ou não, artefatos e dispositivos digitais, ao ponto de ser irreversível, para algumas camadas da sociedade, pensar o indivíduo dissociado destes recursos tecnológicos. Esse comportamento pode ser um efeito da pervasividade que o autor associa à característica de penetrabilidade. Segundo ele, todas as revoluções, incluindo a revolução industrial do século XVIII, que coloca no mesmo nível de importância da revolução da tecnologia de informação, são caracterizadas pela *pervasividade*.

A terceira e quarta característica citada por Castells (2017) referem-se, respectivamente, a *lógica de redes* e ao sistema de redes centrado na flexibilidade. O autor chama atenção para a necessidade de um julgamento de valor ligado a essas características tecnológicas, isso por que: “a flexibilidade tanto pode ser uma força libertadora como também uma tendência repressiva, se os redefinidores das regras sempre forem os poderes constituídos” (CASTELLS, 2017, p 124.). Essa afirmação remete a configuração da cadeia produtiva do livro digital. As TIC promoveram uma transformação na relação entre os produtores e consumidores do produto – Livro, que ao se tornar um objeto virtual permite aos agentes envolvidos nessa cadeia a geração de novos produtos e serviços. Entretanto, como há uma relação de poder e capital envolvido, a característica de flexibilidade limita-se aos que tem forças para constituir as regras.

Cabe fazer uma breve digressão para tratar do conceito de rede apresentado por Musso (2013): “a noção de “rede” é onipresente, e mesmo onipotente, em todas as disciplinas; nas ciências sociais, ela define sistemas de relações (redes sociais, de poder.) ou modos de organização (empresa-rede, por exemplo)”. Pode-se citar o livro digital como um artefato que compõe a rede, e como um objeto digital perpassa a sua onipresença em diversas redes: um mesmo título pode ser acessado ao mesmo tempo por diversos usuários diferentes, assim como pode assumir novas configurações, dependendo do objetivo. As organizações (bibliotecas e editores científicos) atuam em consórcios ou redes de cooperação que possuem regras de funcionamento, com uma estrutura que em determinados momentos passam a operar da dinâmica em rede para funcionar como um sistema. O sistema, por vezes, “engessa” os processos e as características de dinamicidade e expansão próprias de uma rede, a qual passa a ter uma função secundária ao sistema.

Retomando as características da sociedade em rede proposta por Castells (2017, p 125.), por fim, chega-se à quinta característica: “a crescente *convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado*, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado.” Cita então, alguns exemplos como a microeletrônica, as telecomunicações, a optoeletrônica e os computadores. Essa idéia de convergência também é trazida por Jenkis (2009), que se refere a um processo contínuo que é característica intrínseca da “era da informação” e tem relação com o conhecimento, a mobilidade, os fluxos de informação e

³ Big Data é um termo amplamente utilizado na atualidade para nomear conjuntos de dados muito grandes ou complexos, que os aplicativos de processamento de dados tradicionais ainda não conseguem lidar.

a virtualidade, mas, não é algo que vai acontecer um dia — as pessoas, prontas ou não, já vivem a “cultura de convergência”.

2.1 O E-BOOK

Michael Hart fundou, em 1971, o projeto Gutenberg, que oferece gratuitamente mais de 100 mil *e-Books* em formatos *e-pub* e para dispositivos da marca *Kindle*. Nesse projeto eram digitalizadas as publicações que estavam em domínio público. Isso dá indícios de que o livro digital não é algo novo, pois, há décadas se comenta sobre a existência de arquivo digital em diversos formatos: PDF, HTML, RTF. O avanço das TIC promoveu o surgimento de dispositivos móveis exclusivamente dedicados a leitura (*e-readers*) que armazenam livros eletrônicos (*e-Books*) ou digitais. O primeiro protótipo de uma máquina de leitura foi idealizado por Vannevar Bush em 1945. Em seu ensaio *As we my think* descreveu teoricamente uma máquina que chamou “Memex”, com o objetivo de melhorar a memória humana (PROCÓPIO, 2010, p.23):

O avanço de todas essas tecnologias gerou diversos modelos e formatos de equipamentos leitores de livros digitais existentes no mercado atualmente. Essa diversidade de formatos não favorece a interoperabilidade entre plataformas de diferentes fornecedores. A publicação Panorama sobre a interoperabilidade no Brasil, publicada pelo governo eletrônico brasileiro, que reúne Padrões de Interoperabilidade (*e-Ping*), define interoperabilidade como: “a habilidade de dois ou mais sistemas interagir e intercambiar dados, de acordo com um método definido, de forma a obter os resultados esperados”. Procópio (2013) constatou em seu estudo sobre *e-Books*, que a questão da incompatibilidade dos softwares de leitura é uma imposição das tecnologias por meio das empresas globais, sendo responsável também pelo baixo número de títulos disponíveis no formato eletrônico em língua portuguesa.

O Brasil já dispõe do seu primeiro censo do livro digital. Desse documento, em que foram investigadas 794 editoras, destacamos alguns dados: do conjunto de 794 editoras identificadas apenas 294 produzem e comercializam conteúdo digital, correspondendo a 37%. E mais: a produção e comercialização de conteúdo digital está concentrada nos subsetores de obras gerais e CTP (Conteúdo Técnico-Profissional); foram publicados e comercializados 9.483 novos números de ISBNs em 2016; o acervo de conteúdo digital comercializado no país até 2016 foi de 49.662 títulos; em 2016 foram vendidas 2.751.630 unidades de *e-Books*, sendo 87% do setor de obras gerais; o faturamento total com conteúdo digital em 2016 equivale a 1,09% do mercado editorial brasileiro (excluindo-se as vendas ao setor governamental); o subsetor de CTP faturou o equivalente a 1,68% do mercado de livros técnicos.

O relatório anual 2016 da Câmara Brasileira do Livro considera que o indicador do segmento de livros digitais apresentou estabilidade em 2016 em relação ao ano anterior: foram contabilizados 1,21 milhão de vendas, com faturamento de R\$ 16,79 milhões. No próprio relatório existem tópicos exclusivos destinados aos negócios do livro digital, à leitura digital e aos eventos destinados a discutir essa temática.

Na tentativa de colaborar com a diferenciação entre o que é o livro eletrônico e o livro digital, levantam-se a seguir algumas proposições encontradas na literatura.

Quadro 2 – Conceitos de livro eletrônico e livro digital

Autor	Conceito
Earp e Kornis (2005, p.147)	“Um livro digital é apenas uma grande coleção estruturada de bits, que podem ser transportados em CDROM ou outros meio de armazenamento ou pela rede e que se destinam a ser vistos em alguma combinação de <i>hardware</i> e <i>software</i> , indo desde servidores de internet e computadores pessoais até as novas ferramentas de leitura de livros.”
Sanz (2007, p.2, tradução nossa)	“Os <i>e-Books</i> ou livros eletrônicos são textos eletrônicos que contém características e formatos especiais, que permitem sua leitura mediante software especializado. Os livros eletrônicos tem um aspecto de tela, uma tela que imita o livro e um livro que imita a tela. Com este termo se denomina tanto um novo dispositivo de leitura projetado para ler livros eletrônicos, com as obras em si mesmas e os programas que podem instalar tanto em computadores de mesa e portáteis, como em dispositivos especiais de bolso e que servem para a leitura destes livros digitais”
Procópio (2010)	“Livro eletrônico é qualquer livro formatado para ser lido nos computadores de mesa, de bolso ou ainda <i>e-readers</i> . Pode ser também uma versão eletrônica de um livro antes só existente em papel”
Cordon-Garcia (2011 p.17, tradução nossa)	“Um livro eletrônico é qualquer forma de arquivo em formato digital que pode descarregar-se em dispositivos eletrônicos para sua posterior visualização. Trata-se de um arquivo digital que precisa de um elemento adicional para sua visualização, em dispositivo leitor, que deve conter um software adequado para a leitura do documento. Pode incluir elementos textuais, gráficos, sonoros e visuais integrados segundo o dispositivo de consulta: computador, <i>e-reader</i> , <i>tablet</i> ou outro”
Almeida (2012)	“O livro digital é definido como propriedade intelectual composta por diferentes componentes (<i>software</i> , dados, voz, imagem), que não precisa ser necessariamente disponibilizada em mídia física para ser alienada ou fruída por meio de diferentes plataformas tecnológicas digitais.”
Oddone (2013)	“Livros digitais são aqueles que estão disponíveis na web em versões <i>html</i> , <i>txt</i> ou <i>pdf</i> . Para lê-los é preciso dispor de um computador conectado à rede e um programa de navegação entre os quais estão Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Apple Safari, Opera, entre outros. Livros eletrônicos são aqueles que estão disponíveis em versões <i>epub</i> , <i>mobi</i> , <i>azw</i> e <i>ios</i> , entre outras. Para lê-los é preciso localizar websites especializados, baixar arquivos com o conteúdo dos livros.”
Dias, Vieira, Silva (2013)	“[...] a denominação da espécie, da classe (ou gênero) de leitores eletrônicos (<i>e-readers</i>), que tenham o animus de mimetizar e expandir as funcionalidades de um livro tradicional e, portanto, com pelo menos um conteúdo informacional (obra) contido em seus dispositivos de memória; dessa forma, nesta espécie de leitor eletrônico é indissociável o conteúdo informacional (<i>corpus misticum</i>), em formato digital, com o dispositivo tecnológico (<i>corpus mechanicum</i>) que processa, exhibe e permite a interação com o conteúdo informacional.”

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Analisando-se os conceitos, observa-se que há pontos de vista reforçando a idéia de que, uma vez executado um *download*, tem-se em mãos um livro eletrônico, que pode ser lido em qualquer computador comum ou equipamento eletrônico desenhado especificamente para ele. Já o que Cordon-Garcia (2011) considera e apresenta como conceito, se assenta no dispositivo, ou

seja, no próprio equipamento, ideia reforçada ou compartilhada por Sanz (2007). Nota-se, que nas proposições acima, a ênfase está no equipamento. Sendo assim, a percepção do livro digital como eletrônico fixa-se na concepção de que sua existência depende necessariamente de um dispositivo eletrônico para sua leitura, que pode ser um dispositivo móvel (*e-reader, tablets, ipad*), um computador portátil ou de mesa. O que parece estar aí desconsiderado, é que ambos – livro digital e ou livro eletrônico – são arquivos digitais que podem ter diferentes formatos e também ser lidos em modelos de equipamentos eletrônicos modelados com arquiteturas digitais diferenciadas. Acontece que a própria mídia ‘vende’ a idéia de que livro eletrônico é o aparelho de leitura, mas, ao contrário, ele é o conteúdo, o que dá corpo e sentido a noção propriamente de *livro*. Tal como propõem Earp e Kornis (2005), é essencial distinguir um livro digital de uma tecnologia para leitura.

A partir dessas abordagens infere-se que a diferenciação entre o livro eletrônico e o livro digital está centrada no formato e na maneira de acesso. Ambos podem estar contidos em um suporte tecnológico, fixo ou móvel. O que muda é a forma de ler. No caso desta pesquisa, adotaremos a nomenclatura *livro digital*, considerando que o estudo está centrado nos livros digitais disponibilizados nos portais das bibliotecas universitárias públicas brasileiras.

3 MODELOS DE NEGÓCIOS DE E-BOOKS

Destacam-se, no mercado editorial brasileiro, alguns modelos de negócios para bibliotecas universitárias, conforme Grigson (2011):

- *Aquisição perpétua* - Como o próprio nome diz, o *e-Book* adquirido passa a ser de propriedade da biblioteca, como se fosse um exemplar impresso. Nesse modelo, é comum que além do valor da compra dos títulos haja também uma taxa de manutenção da plataforma em que os livros são acessados, cobrada anualmente ou paga antecipadamente por um período mínimo de alguns anos.

O autor enumera as situações de vulnerabilidade do livro digital no modelo de Aquisição perpétua: mudanças de formatos dos arquivos (formatos obsoletos); o editor pode vir a encerrar suas atividades ou transferir suas obras a outro fornecedor; o fornecedor perder os direitos de distribuição do título; e o fornecedor descontinuar uso da plataforma.

- *Assinatura* - Essas coleções são formadas por uma seleção de títulos pré-estabelecida pela editora ou pelo agregador, que não pode ser alterada pela biblioteca, podendo conter tanto títulos novos como os de catálogo. Permite a contratação de grandes quantidades de obras, dentro de um determinado período, a custos baixos, podendo ocorrer alterações durante a vigência do licenciamento ou nas renovações, com entrada de novas obras, substituição ou remoção de outras. As inclusões podem ocorrer com novas edições, títulos lançados pelas editoras representadas pelo fornecedor ou, no caso de agregadores, com a entrada de outros editores na carteira de representação. Geralmente garante acesso simultâneo a múltiplos usuários, e o custo da assinatura é baseado no número de usuários finais;

Para as bibliotecas é um modelo interessante, ao permitir a inclusão de diversos títulos no acervo a baixo custo, se comparado ao modelo de Aquisição perpétua, onde o licenciamento dos títulos ocorre de forma individual. Sua principal vantagem é a relação custo-benefício, pois torna

possível oferecer aos usuários uma grande quantidade de *e-Books* por um valor muito menor do que seria gasto ao adquirir título a título. Por outro lado, se não houver uma avaliação criteriosa dos títulos incluídos na assinatura, corre-se o risco de acabar pagando por um conteúdo que não será utilizado.

- *Empréstimo de curto prazo (short term loan ou STL, também pode ser chamado de pay-per-view)* - é semelhante a um aluguel para títulos específicos.
- *Aquisição orientada pelo usuário (patron driven acquisition ou PDA)* - muito utilizado internacionalmente, pretende ampliar o volume de títulos a que a biblioteca tem acesso para consulta, podendo realizar a compra de um *e-Book* somente quando ele é de fato utilizado.

O modelo PDA também pode ser combinado com o empréstimo de curto prazo, concretizando a aquisição automática de um determinado título após o mesmo ter sido “emprestado” uma determinada quantidade de vezes. Exige o depósito de um crédito antecipado para cobrir os custos de aquisição gerados pelas consultas dos usuários e os parâmetros que determinam a compra de um título podem variar muito de um fornecedor para outro.

Além das questões relacionadas às limitações de acesso, há o *Digital Rights Management (DRM)*, que é uma tecnologia que controla tudo aquilo que um usuário pode ou não fazer com um arquivo digital, desde a sua abertura até a cópia, impressão e compartilhamento do arquivo. Além disso, também registra o período de uso, faz a contagem do número de cópias da obra e a correta distribuição dos valores financeiros aos detentores da obra, através do controle do número de cópias vendidas (DZIEKANIAK *et al.*, 2010).

A American Library Association elaborou um relatório com orientações sobre os requisitos que as bibliotecas públicas devem considerar quando adotam coleções de livros digitais. Entre as recomendações destacamos duas: as bibliotecas devem ter uma opção para efetivamente possuir os *e-Books* que adquirem, incluindo o direito de transferir para outra plataforma e continuar a emprestá-los indefinidamente; e editores ou distribuidores devem fornecer metadados e ferramentas de gerenciamento para melhorar a descoberta de *e-Books*.

4 METODOLOGIA

Os autores Quivy e Campenhoudt (2003) estruturam a pesquisa científica em 7 (sete) etapas: 1ª etapa: a pergunta de partida (elaboração do problema e construção da hipótese). Recorre-se a Braga (2005) com a seguinte reflexão: “[...] hipóteses relevantes aparecem em estágios avançados de reflexão, de formulações de corpo teórico e de conhecimento parcialmente estabelecido sobre uma determinada questão complexa da realidade.” No caso desta investigação, optou-se pela apresentação de uma hipótese, pelo fato da pesquisadora já ter trabalhando com o tema livro digital durante a pesquisa de mestrado concluída em 2013.

As demais etapas: (2) a exploração - as leituras e entrevistas exploratórias; (3) a problemática; (4) a construção do modelo de análise; (5) a observação; (6) análise das informações; (7) as conclusões. Considerando as etapas elencadas, pode-se afirmar que essa pesquisa avançou até a 4ª etapa.

Com o objetivo de selecionar a amostra que será trabalhada, foi realizado em dezembro/2017 um mapeamento no *site* das universidades públicas brasileiras para verificar se

existem coleções de livros digitais disponibilizadas em seus portais – nesta primeira etapa da aplicação da metodologia, pretende-se trabalhar apenas com a região nordeste.

Quanto às técnicas e métodos, já descritos acima quando relacionamos aos objetivos, aplicou-se a observação direta (análise dos *sites* das universidades públicas) para definir a amostra. Pretende-se aplicar o questionário e entrevista estruturada com os agentes envolvidos na cadeia de valor do livro digital.

Quanto ao procedimento de tratamento dos dados coletados, pretende-se aplicar a análise de conteúdo para as entrevistas e processamento estatístico para os dados coletados (software ainda a definir).

5 RESULTADOS PARCIAIS

Conforme explicitado anteriormente foi realizado um mapeamento no *site* das universidades públicas da região nordeste, utilizou-se para esse fim a base *e-Mec* que relaciona todas as Instituições de Ensino Superior (IES) no país. Nesta base, foram classificadas todas as IES da região nordeste e posteriormente acessados os sites para verificar quais delas tinham coleções de *e-Books* disponíveis. O Brasil possui atualmente 107 universidades públicas, destas, 35 (trinta e cinco) estão na região nordeste e 12 (doze) possuem no seu acervo coleções de *e-Books*. Excetuando o Piauí, os demais estados do nordeste já dispõem de livro digital em suas coleções.

Das 13 IES do nordeste que tem coleções de *e-Books*, observa-se a presença de pelo menos 3 (três) agregadores de conteúdo: Dotlib, agrega conteúdos das editoras Atheneu, Zahar, Springer, *epapers*, Ovid, Ebrary, e a editora Pearson, que vende somente na modalidade assinatura um único produto chamado “biblioteca universitária” e o agregador Ebrary. Somente a Pearson está presente em três Universidades: UFRN, UEMA, UESC. O agregador Dotlib está na maior parte das Universidades: UNCISAL, UFBA, UFC, UFMA, UFPB, UFPE, UFS. É importante sinalizar que em 2013 apenas cinco universidades do Nordeste tinham coleções: UFBA; UFPB; UFAL; UFS e UFC (MAGALHÃES; CERÁVOLO, 2013). Esse quantitativo aumentou em mais de 100%, sendo assim, vale investigar o que levou as universidades a adquirirem essas coleções.

Se existem livros digitais em universidades públicas federais e estaduais e dos mesmos fornecedores qual seria a razão dessas universidades não atuarem de maneira consorciada, de forma a efetivamente terem maior poder de barganha no momento de uma negociação com os editores?

No caso da UFBA o acesso às coleções digitais pode ser realizado pelos usuários remotamente mediante cadastro de senha no servidor na Universidade. Não há limite de impressão, além da possibilidade de realizar o *download* dos livros digitais. Ao clicar no *link* “portal da pesquisa”, disponível na página principal do sistema de bibliotecas da UFBA, a tela principal que se abre para visualização da coleção de livros digitais apresenta de imediato a relação dos títulos disponíveis em ordem alfabética. Caso o usuário saiba o título do livro poderá clicar diretamente na letra correspondente a inicial do título ou realizar a busca por área, editora e título; não há uma opção de busca por assunto.

A estatística fornecida contém os dados sobre o número de *downloads* e número de acessos negados por mês, além de uma planilha com a especificação da data, horário, capítulos, títulos acessados e títulos com acessos negados.

6 CONSIDERAÇÕES

As diversidades de mídias para acesso a informação e a virtualização do livro impulsionou as unidades de informação a também buscarem inovações em seus produtos e serviços. Em muitos casos a oferta dos *e-Books* é considerada um serviço de ponta, porém demanda um investimento por parte das bibliotecas universitárias, portanto, precisa ter sentido e justificativa a sua manutenção na coleção.

As editoras desempenham um papel importante na cadeia de valor do livro digital. Entretanto, o modelo de negócio de acesso às coleções, que não são mais adquiridas como patrimônio institucional e sim assinadas, aponta uma nova relação entre editora, autor e biblioteca. As coleções são tão fluídas e mutáveis que a exclusão dos títulos pode ocorrer de maneira dinâmica, levando-nos ao questionamento: até que ponto as bibliotecas têm o controle do acervo de livros digitais disponíveis? Necessita-se desse controle, ou não? Qual modelo de negócio para gestão de conteúdo digital é mais viável para bibliotecas universitárias, de modo a fortalecer sua atuação em redes de cooperação?

Por isso, essa pesquisa propõe gerar um modelo de gestão das coleções de livros digitais integrado com as demandas dos usuários e com os demais recursos digitais existentes na UFBA. O referencial teórico sobre o conceito de livro tem o objetivo de minimizar a imprecisão terminológica que atualmente paira sobre esse artefato - livro digital ou livro eletrônico (*e-Book*)?, e propor um conceito mais aproximado a realidade das bibliotecas universitárias brasileiras.

Por fim, a amostra de coleta de dados realizada demonstrou uma variável da nossa argumentação: o crescimento da inserção do livro digital nas bibliotecas universitárias. Portanto, existe espaço para uma investigação que possa contribuir com essas unidades de informação, no que se refere ao fortalecimento da sua atuação para uma melhor representatividade na cadeia de valor do livro digital.

REFERÊNCIAS

AMERICAN Library Association. *E-Book business models*. Disponível em <<http://connect.ala.org/files/80755/E-BookBusinessModelsPublicLibs.pdf>> Acesso em 14 jan. 2017

ALMEIDA, Lemilson José Cavalcanti de (2012). *O livro eletrônico no mundo editorial e a evolução histórica do copyright e das estratégias de apropriação de lucro*. Dissertação (Mest. em Adm.) - São Paulo, Universidade de São Paulo, 2012

ARÉVOLO, Júlio Alonso, CORDÓN-GARCIA, José A. El libro electrónico en el ecosistema de información. *Ciencias de la Información*, v. 41, n.2, maio-ago, p.58-68, 2010. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/14891/>> Acesso em 30 de maio de 2016.

BRASIL. Governo eletrônico. Panorama da interoperabilidade. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/e-ping-padres-de-interoperabilidade/o-que-e-interoperabilidade>>. Acesso em 31 de maio de 2017.

BRAGA, José Luiz. Para começar o projeto de pesquisa. *Rev. Comunicação & Educação*. V. 10, n.3, 2005. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37542/40256>> Acesso em 26 jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura. 18. ed. Rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2017

CENSO do livro digital. SNEL. Disponível em <http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Apresentacao-Censo-do-Livro-Digital.pdf> Acesso em 05 jan. 2018.

CORDÓN-GARCIA, J. A. *La revolucion del libro electrónico*. UOC: Barcelona, 2012.

Digital Restrictions Management (DRM). Disponível em <<http://drm.info/en/what-is-drm>> Acesso em 06 de maio de 2016.

GRIGSON, A. An introduction to e-Book business models and suppliers. In: PRICE, K.; HAVERGAL, V. (Eds.). *E-Books in libraries: a practical guide*. London: Facet, 2011.

JENKIS, Henry. A cultura da convergência. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MAGALHÃES, Carolina de Souza Santana. *Seleção de coleções de livros digitais nas universidades públicas brasileiras*. 2012. 160f. Dissertação (Mest. Em Ci. da Inf.) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ODDONE, Nanci. Política de acesso aberto para livros digitais e eletrônicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO – CINFOM, 11, 2013. Salvador. Mundo digital uma sociedade sem fronteiras. *Anais eletrônicos*. Disponível em <<http://www.slideshare.net/neoddone/politica-de-acesso-aberto-para-livros-digitais-e-eletronicos>> Acesso em 21 ago. 2016.

PROCÓPIO, Ednei. *A revolução dos e-Books: a indústria dos livros na era digital*. São Paulo: SENAC, 2013.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van. *Manual de investigação em ciencias sociais*. 3. ed. Lisboa, PO: Gradiva, 2003. 282 p1998.

REIS, J. M. E-books, bibliotecas e editoras: um diálogo necessário. 2013. 139 f. Monografia (Grad. em Biblio.) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANZ, Pedro D. *Libros electrónicos, el nuevo concepto del libro*. Disponível em <<http://eprints.rclis.org/8751/>> Acesso em 21 de nov. 2016.

_____. *Os livros eletrônicos e as bibliotecas*. 2015. Dissertação (Mest. em Cult. e Inf.) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SERRA, Liliana Giusti, SANTAREM, José Eduardo. Modelos de negócios, bibliotecas e livros digitais. *Inf. & Soc.: Est.*, v.27, n.3, p. 131-143, set./dez. 2017.